

Título Hans-Michael Herzog em conversa com Valeska Soares
Data 2006
Publicação SOARES, Valeska; MEIRELES, Cildo; NETO, Ernesto. *Seduções*. Zürich: Hatje Cantz, 2006.

Autor Hans-Michael Herzog
Artista Valeska Soares

Hans-Michael Herzog Você pode falar sobre o significado da sua obra *Vanishing Point*?

Valeska Soares Bom, na época em que comecei a desenvolver esse trabalho, estava pensando muito na idéia de um ponto de fuga a diversos níveis. Não só um ponto de fuga que tivesse a ver com a perspectiva, mas também do sujeito na paisagem. A melhor forma que achei para trabalhar com essas idéias foi com os modelos de jardins renascentistas e barrocos, que têm toda uma metafísica, uma filosofia. Versailles foi construído com base no princípio do infinito representar Deus. O rei, ao ser colocado dentro da perspectiva do infinito, vira Deus. Como eu já estava trabalhando com a idéia de intoxicação, de perfume, foi muito interessante para mim trabalhar também com essa idéia de um ponto de fuga.

Hans-Michael Herzog *Vanishing Point*, uma coisa instável...

Valeska Soares É, um ponto de fuga, na verdade, não existe, é um lugar teórico, porque quando você chega num ponto de fuga, ele se afasta de você. Cada vez que você se coloca na paisagem, ou se posiciona em algum lugar, em geral na vida, o lugar se afasta de você.

A idéia de jardim sempre me atraiu pela idéia da paisagem como a construção de um lugar ideal. É uma forma de analisar a representação do desejo de uma maneira mais concreta, porque, dentro das construções de jardins, tem todas essas idéias de alcançar a sabedoria, de representar o paraíso. No jardim também existe uma outra coisa pela qual eu ando bastante fascinada, que é aquilo que em português chamamos de *capricho*. *Vanishing Point*, para mim, é *une folie*, uma loucura, não tem nenhuma razão de existir, a não ser o meu próprio desejo de que exista. O desejo explode as estruturas racionais e faz com que alguma coisa exista sem razão para que exista.

Hans-Michael Herzog Valeska, você pode comentar um pouco a idéia do desejo? O que ele significa para você?

Valeska Soares O desejo, para mim, é uma forma de ação. Eu acho que o desejo é, hoje em dia, uma das formas mais humanas de transgressão, porque deixa de ser desejo assim que se realiza. Mas ainda é um dos pontos que me interessa no imaginário humano, justamente porque é ponto-limite, não é? Você tem sempre que cruzar alguma marca, algum limite, para...

Hans-Michael Herzog ...transcender?

Valeska Soares Ou acionar o desejo. Você está sempre desejando ter alguma coisa para a qual precisa fazer alguma ação transgressora, no amor, sei lá, na vida em geral. Nem que seja fazer um gesto assim, encostar no outro, alguma coisa, alguma passagem tem que existir entre um estado e outro.

Hans-Michael Herzog O desejo é o motor para a vida, para a criação?

Valeska Soares É, para a criação, para tudo. Para sair da cama, para olhar para o céu, ou seja...

Hans-Michael Herzog E se um dia não existir mais ponto de fuga, é a morte, o fim?

Valeska Soares Isso eu já não sei. Só vou poder dizer para você depois de morrer. Pode ser que nós, quando morrermos, tenhamos algum outro afastamento, que eu não sei qual é, que vai fugir de nós de algum jeito. Desejo é isso, você persegue... O desejo é igual ao ponto de fuga: cada vez



Vanishing Point, 1998
Installation, Daros Exhibitions, Zürich

Título Hans-Michael Herzog em conversa com Valeska Soares
Data 2006
Publicação SOARES, Valeska; MEIRELES, Cildo; NETO, Ernesto. *Seduções*.
 Zürich: Hatje Cantz, 2006.

Autor Hans-Michael Herzog
Artista Valeska Soares



Pathologies, 1994–ongoing
 24 perfume bottles
 Installation, Fusebox, Washington D. C.

Vanishing Point, 1998
 Installation, Museu de Arte da Pampulha,
 Belo Horizonte

que você se move em direção a ele, ele se afasta um pouco, então, esse constante movimento...

Hans-Michael Herzog ...para sempre.

Valeska Soares É, é uma perseguição. Tem uma história, *Le città invisibili* de Italo Calvino, que eu acho maravilhosa, tem a ver com isso e eu a usei no trabalho. São vários homens que sonham com uma mulher que corre pelas ruas de uma cidade. E eles tentam, todos, segurar essa mulher, mas ela sempre escapa por entre um beco ou outro. Eles acordam e saem à procura dessa mulher na vida real, só que não a encontram, mas se encontram uns aos outros. Então, decidem construir uma cidade à imagem dessa cidade em que a mulher dos sonhos deles foge. E em cada beco, em cada curva onde a mulher foge eles constroem um obstáculo. Passa-se um tempo, uns anos, e eles se esquecem da mulher, se esquecem porque construíram a cidade, não entendem o que estão fazendo ali num lugar tão estranho, tão labiríntico. Mas, depois deles vêm outros homens que sonham o mesmo sonho e reconhecem, nessa cidade, a mesma cidade do sonho, da mulher, e continuam construindo a cidade. É um ciclo de esquecimento e desejo.

Hans-Michael Herzog Qual é o papel da literatura em sua obra?

Valeska Soares Em meu trabalho, eu me interesso pela ficção, em construir narrativas. Meu interesse pela literatura sempre foi inspirador. Claro, eu não escrevo, mas desejo, com meu trabalho, explorar idéias para a ficção. Penso que não existe grande separação entre realidade e ficção. Eu gosto muito da idéia de suspender, que é um princípio do teatro: você suspende a sua incredulidade por um tempo e vive uma coisa que, apesar de saber, de ter consciência que não é real, se torna real para você, entendeu?

Vou fazer o *Das Parfum* [Patrick Süskind], na versão original, em alemão, e serão 240 000 caracteres em letras de cera com cheiro, uma pilha. Com o texto, um objeto que existe de forma embaralhada, estou construindo outro texto.

As pessoas têm a noção de que a biblioteca é uma coisa apolítica, não subjetiva e inclusiva. Na verdade, não é nada disso, ela é subjetiva, porque é como uma coleção, depende de uma curadoria, tem a ver com questões políticas de diferentes épocas. Existe censura desde a Idade Média. *Il nome della rosa* [Umberto Eco] é exatamente isso. Por isso comecei a trabalhar com essa idéia de fazer uma biblioteca que realmente assumisse a subjetividade que a biblioteca tem.

Hans-Michael Herzog Outra coisa, o olfato na sua obra...

Valeska Soares O olfato, para mim, é uma metáfora. O cheiro é um jeito de falar sobre a idéia de intoxicação, porque, voltando à história do desejo, eu acho que, na vida, tudo depende da dosagem, tanto o agradável como o não agradável. E com o perfume eu consigo trabalhar essa metáfora da intoxicação de uma forma mais concreta, porque é uma coisa sobre a qual posso ter mais controle e trabalhar os limites.

Vanishing Point trabalha exatamente isso, pois, com o tempo, o perfume vai evaporando e constrói um volume virtual no espaço. Já tive problemas em alguns lugares, porque o negócio é tão forte que as pessoas não conseguem ficar lá dentro, ele começa até a contaminar os outros andares. É um trabalho bastante interessante nesse sentido, porque coloca

Título Hans-Michael Herzog em conversa com Valeska Soares
 Data 2006
 Publicação SOARES, Valeska; MEIRELES, Cildo; NETO, Ernesto. *Seduções*.
 Zürich: Hatje Cantz, 2006.

Autor Hans-Michael Herzog
 Artista Valeska Soares

determinadas exigências, inclusive com relação à museologia. Tem problemas se o guarda ficar doente, ou se tem um burquinho... O perfume é um elemento irritante que começa por ser agradável, mas que, chega uma hora, vai ao limite e começa a irritar de um jeito que você não consegue perceber. É como quando você está ouvindo rádio, você está num lugar e não sabe exatamente o que está te irritando, você desliga o rádio e isso te dá um enorme alívio. O perfume vive aí, é quase uma coisa subconsciente. É um material que você pode usar dessas duas maneiras, dependendo da concentração. É a antiga história do veneno, o remédio é um veneno em pequenas doses.

Hans-Michael Herzog E que perfume é esse exatamente?

Valeska Soares Ah, são vários, é uma mistura, uma fórmula especial, tem que ser dissolvido em água. É uma cópia barata de um perfume famoso, porque eu também gosto muito da patologia do desejo dentro da perfumaria, tem o *inalcançável*, *the beautiful*, *the ecstasy*, é uma patologia incrível. Para mim, ainda é mais interessante a versão barata, a emoção barata. Além da patologia cara, aí, tem a versão barata dessa patologia do desejo, aquela de vinte centavos, o falso *ecstasy*, o falso *beautiful*...

Hans-Michael Herzog A falsa ilusão?

Valeska Soares A falsa ilusão. Vou colocar *beautiful* e vou ser *beautiful*.

Eu tenho uma prateleirinha com uma coleção de vidrinhos de perfumes baratos, com todos esses nomes.

Hans-Michael Herzog O que você pensa sobre a cor do perfume?

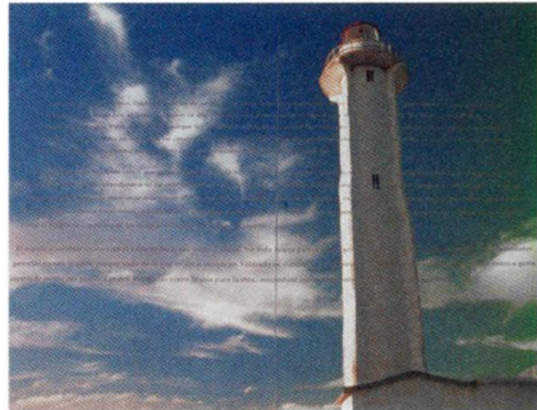
Valeska Soares Toda a gama de perfumes vai de um meio esverdeado, amarelo, até âmbar, caramelo. É engraçado, porque eu nunca pensei nisso, mas, a essa cor, as pessoas associam a urina.

Tem uma história linda sobre esse trabalho. A primeira vez que eu o mostrei, na Galeria Camargo Vilaça, como a galeria é toda aberta, umas abelhas foram atraídas pelo cheiro, ficaram enlouquecidas e começaram a cometer suicídio nos tanques.

Hans-Michael Herzog Como kamikazes?

Valeska Soares Exatamente, havia um enxame de abelhas *kamikazes* voando o tempo todo em volta do trabalho e, de repente, elas mergulhavam e ali ficavam. Assim, surgiu um ecossistema *kamikaze* dessas abelhas nos tanques, o que eu achei muito legal. Esse trabalho está sempre surpreendendo, porque ele depende do contexto. No Museu da Pampulha o que aconteceu foi muito lindo. O perfume evaporava, desaparecia, e as pessoas no museu estavam loucas, criou-se um movimento insano de colocar e a coisa desaparecer. Eu também acho muito legal como, dependendo do clima, da temperatura, de como ele é instalado e do que está acontecendo em volta, ele é sempre diferente. No Bronx Museum aconteceu outra coisa, começou a aparecer alga. O que eu acho muito legal é que todo mundo fica querendo conter ou fazer uma fórmula para o trabalho, mas ele está sempre fugindo, por mais que inventemos um protocolo. Ele já foi para quatro museus, já se fez sua museologia e ainda continua conseguindo fugir dela. É uma alquimia, não conseguimos controlar quanto vai vazar.

Hans-Michael Herzog Você também pensou no fator da pintura? Os elementos se parecem com pinturas monocromáticas.



Picturing Paradise, 2000

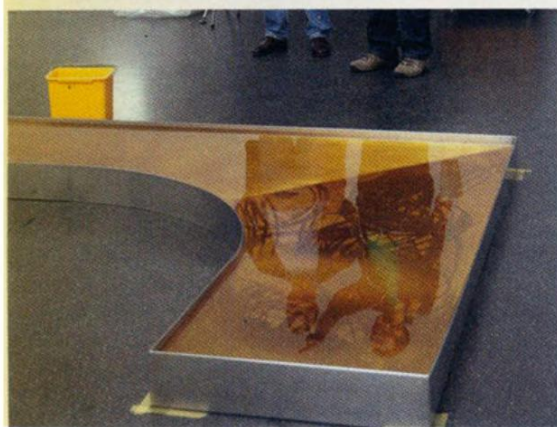
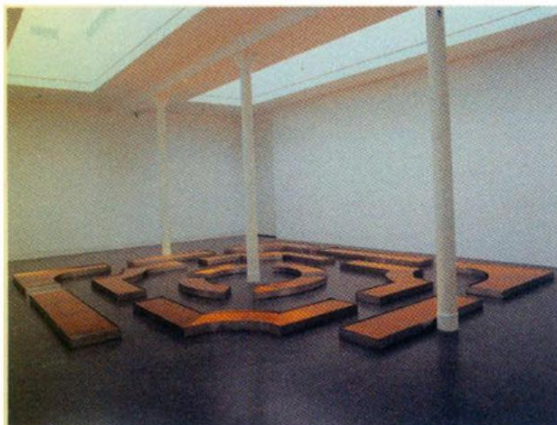
Mirrored stainless steel panels with engraved letters

Four units, 304 x 152 cm each

Installation, U.S.-Mexico (San Diego-Tijuana) border

Título Hans-Michael Herzog em conversa com Valeska Soares
Data 2006
Publicação SOARES, Valeska; MEIRELES, Cildo; NETO, Ernesto. *Seduções*.
 Zürich: Hatje Cantz, 2006.

Autor Hans-Michael Herzog
Artista Valeska Soares



Vanishing Point, 1998
 Installation, Daros Exhibitions, Zürich

Vanishing Point, 1998
 Mounting of the installation,
 Daros Exhibitions, Zürich

Valeska Soares Para mim, mais do que pintura, são espelhos.
Hans-Michael Herzog Qual é a sua idéia sobre o espelho, já que trabalha há muito tempo com a idéia e com a matéria do espelho (figs. pp. 21, 29, 37)?

Valeska Soares O espelho, para mim, é um material que, tal como a idéia de jardim, vem nos perseguindo desde o começo dos tempos, contém uma série de contradições que me fascinam. Primeiro, a idéia da reflexão, da distorção e da representação. Por exemplo, eu vivo nesse universo, eu sou uma pessoa construída, dentro da minha cabeça, de certo um jeito.

Cada vez que eu olho no espelho levo um susto, porque existe uma distância entre o que eu acho que sou e aquilo que vejo... Eu não sei como você me vê. Acho que, de uma forma simplista, é isso que me fascina com a matéria do espelho e me fascina no trabalho, é essa distorção ou a impossibilidade de capturarmos uma imagem ou de capturarmos alguma coisa. Além de ter essa dimensão, sei lá, *borgeana*, o espelho é um universo dentro de um universo, mas que rebate de volta em você. É um material que parece translúcido, mas que é mais sólido do que os sólidos. Assim, ele passa, na história, de um objeto de curiosidade, da mágica, a um objeto de tecnologia... O que eu acho mais divertido é que a tecnologia está num estágio tão grande de evolução que essas coisas estão voltando a ser mágicas, porque elas funcionam e nós não sabemos exatamente como funcionam.

Hans-Michael Herzog E o labirinto? *Vanishing Point* é labiríntico como um jardim barroco.

Valeska Soares Sim, porém você pode ver tudo, é mais um labirinto mental. É óbvio, como forma, mas ele se anula por ser tão óbvio. Fisicamente, não tem o que conquistar, está conquistado, então é mais uma referência à idéia de labirinto do que ele mesmo.

Hans-Michael Herzog Porque falta um elemento em uma esquina?

Valeska Soares Ele cria esse distúrbio. Ele tira, de uma coisa toda racional, a expectativa de que está faltando alguma parte, que eu esqueci de colocar. Mas, na verdade, aquele elemento é a entrada do trabalho.

Hans-Michael Herzog Para que não seja hermeticamente fechado?

Valeska Soares Exatamente. Ele cria um desequilíbrio que me interessa.

Hans-Michael Herzog Como um convite?

Valeska Soares É um convite propositado. E com esse desequilíbrio formal você constrói um desequilíbrio conceitual também, porque as pessoas estão sempre perguntando se falta alguma coisa. Ele desestabiliza a forma, que você espera que seja mínima, simétrica.

Hans-Michael Herzog Você trabalhou muitas vezes com a natureza. Como é para você a relação entre a natureza e o artificial?

Valeska Soares A minha curiosidade é mais para com essa idéia de construção de espaço ideal e natureza é um conceito cultural, porque a maior parte da natureza que experimentamos é construída, domada... Em Los Angeles, na auto-estrada, há um sinal maravilhoso que diz "The Landscape Ends Here" [a paisagem termina aqui]. Por isso me fascina essa ilusão que temos de que estamos vivendo

Título Hans-Michael Herzog em conversa com Valeska Soares
 Data 2006
 Publicação SOARES, Valeska; MEIRELES, Cildo; NETO, Ernesto. *Seduções*. Zürich: Hatje Cantz, 2006.

Autor Hans-Michael Herzog
 Artista Valeska Soares

na natureza. A natureza em que vivemos é a representação do nosso desejo do que gostaríamos que fosse a natureza.

Hans-Michael Herzog Sim, certamente.

Valeska Soares A natureza é mais uma construção ficcional que viemos idealizando desde a idéia do paraíso. O paraíso, o que é? É um segmento contido e organizado da natureza original, tem regras, você não pode comer a maçã. Na nossa idéia original do espaço ideal da natureza, o ideal já é organizado, ele é um recorte, com regras e controle, de um universo incontrolável.

Hans-Michael Herzog Você, muitas vezes, na sua obra, combina muito bem a sensualidade e um elemento muito *cool*, quase de morte, não? Como funciona essa combinação para você?

Valeska Soares Acho que, basicamente, o meu trabalho lida o tempo todo com esses princípios, tentando desfazer essas dualidades, ou seja, da morte, da vida, do feminino, do masculino, mas nunca sendo contido por um ou por outro. Todas as coisas que me interessam estão exatamente nesse momento-limite, em que se passa de um estado para o outro. Eu sou assim também, estou sempre no limite entre uma coisa muito atraente e uma coisa muito repelente ou o que me atrai é a mesma coisa que me repele. Somos nós de volta à metáfora da intoxicação.

Hans-Michael Herzog Você gosta que o espectador tenha emoção olhando a sua obra?

Valeska Soares Claro. Eu acho que se eu soubesse exatamente o que as pessoas iriam sentir, não faria o trabalho. O que me interessa é a surpresa de como cada pessoa vai perceber o trabalho. E uma mesma pessoa, em dias diferentes, vai perceber o trabalho de uma maneira diferente, porque, dependendo do sol e da lua, se teve um sonho, como acordou, o trabalho nunca está fixo, é sempre diferente. Até para mim: cada vez que olho o trabalho ou falo sobre ele, vejo coisas novas, dependendo da minha experiência naquele minuto ou da minha experiência com você. O trabalho está sempre se modificando. Uma outra coisa é também a possibilidade de fracasso, senão não teria por que fazer as coisas. É um jogo de pôquer, que dá certo ou dá errado, mas dar errado também faz parte.

Hans-Michael Herzog Como explicar a um jovem estudante de arte o que é preciso fazer para evitar o erro na arte?

Valeska Soares Eu tive uma experiência muito interessante. Fui convidada para fazer uma residência no MIT [Massachusetts Institute of Technology]. MIT é uma das instituições americanas onde a racionalidade impera. É tão avançado que passa a ter uma força criativa também. Eles convidam pessoas de áreas muito diferentes e lhes pagam para desestabilizar os estudantes, basicamente, para enlouquecê-los. Eles me jogaram nesse *Media Lab*. Todo mundo que era pária na Escola de Arquitetura ficava meu discípulo, porque eu era a única pessoa que falava para eles que tudo bem ter ansiedade, tudo bem não saber o que fazer, tudo bem não fazer arquitetura social, entendeu? Eu fiz umas coisas super legais, peguei um monte de gente que escreve programas de computador e fiz um *workshop* para eles escreverem cartas de amor.

Hans-Michael Herzog Que belo!

Valeska Soares Foi maravilhoso!

Hans-Michael Herzog Como saíram?

Valeska Soares Saíram engraçadas. Um dos meus livros favoritos é *Fragments d'un discours amoureux*. Esse livro de Roland Barthes tem uma linguagem fácil, dentro de uma bibliografia filosófica é uma leitura fácil. Mas acho que os superestimei. Esses meninos piraram, eles não estavam entendendo nada e a idéia que eles tinham de amor era muito restrita. Suas idéias sobre amor eram muito convencionais. Eles estavam quase tentando construir um universo "bushiano". Uns deles estavam construindo um *Common Sense Database*, um computador que, teoricamente, vai pensar. Então, lhes pedi para me dizerem o que havia sobre o amor no *Common Sense Database*. Aí, começavam assim: o amor é uma coisa entre homem e mulher, amor é... Não, era muito engraçado. Parecia que o computador era Bush. Mas foi muito legal, porque eu os fiz escreverem muitas cartas de amor... Também descobrimos que tem vários sites na internet que ensinam a escrever cartas de amor. E outra coisa: com a internet e o e-mail, nós voltamos, de uma certa maneira, ao século passado, dos amores platônicos, das relações entre cartas e pessoas. De alguma forma, a internet trouxe isso de volta, mas de uma forma mais concreta, culta. Você, agora, tem um jeito de se relacionar que é imediato, mas não é imediato, você tem que traduzir o que pensa para a linguagem. Você retorna, assim, a Simone de Beauvoir. Bom, foi uma experiência muito interessante com esses meninos porque, basicamente, nós estamos lá para tentar dar a eles algum conteúdo emocional, alguma crise subjetiva... Todas essas interfaces de computador têm uma relação com o ser humano, se você não entende nada de uma vida emocional, você pode escrever o maior código do mundo que a interface não vai funcionar. Se você não tem experiência emocional, experiência subjetiva, está todo protegido... Esse programa do MIT é muito impressionante, porque como poderia você imaginar que um artista se tornaria um *adviser* contratado por uma instituição racional para desestabilizar a racionalidade da própria instituição?

Hans-Michael Herzog Em que ano você foi do Brasil para Nova York? Qual foi a idéia?

Valeska Soares Foi em 1992. Antes eu estava num ponto, aqui em Belo Horizonte, em que ou ia seguir uma vida burguesa, ia fazer o que todos os meus amigos estavam fazendo, casar, ter filhos ou...

Hans-Michael Herzog É, as coisas "normais".

Valeska Soares As coisas "normais"! Mas, na verdade, eu vivia uma crise de ansiedade, não sabia o que fazer comigo, os meus pais não sabiam o que fazer comigo, até que me "exportaram" para a Inglaterra. Fui para Londres sem saber o que ia acontecer, mas era um movimento, porque, se eu continuasse aqui, ia matar alguém ou me matava, um dos dois. Fiquei na Inglaterra por dois ou três anos e, quando voltei para o Brasil, não queria morar novamente na casa da minha mãe. Não tinha condição. Voltar para onde? Então, eu fui para o Rio de Janeiro continuar a Faculdade de Arquitetura e lá comecei a conviver com muita gente que pintava e outras coisas, sei lá, na verdade, eu comecei a fazer Parque Lage [escola de artes visuais]. Era muito engraçado, porque eu comecei a fazer aula de pintura, mas nunca pintei nada durante a aula. Basicamente, eu ficava no bar, bebendo cerveja e lendo. Eu ficava olhando as pessoas pintarem e

Título Hans-Michael Herzog em conversa com Valeska Soares
 Data 2006
 Publicação SOARES, Valeska; MEIRELES, Cildo; NETO, Ernesto. *Seduções*. Zürich: Hatje Cantz, 2006.

Autor Hans-Michael Herzog
 Artista Valeska Soares

nunca consegui achar uma inteligência na pintura. Eu tinha um namorado que era artista. Nessa época havia vários homens no Rio de Janeiro, todos escultores, que achavam que deveriam ser meio patronais comigo, achavam que eu tinha que sofrer muito, porque para ser artista se tem que sofrer, se tem que suar, eu achava aquilo tudo uma babaquice. Eu falava: "Não, eu consigo fazer escultura sem suar." Tanto que, no começo, meus trabalhos eram bem leves, era tudo coisa que eu podia pegar. Aí houve um concurso no Parque Lage, aberto. Eles iam fazer uma Bienal de escultura e eu me lembro que tive uma briga muito séria com esse namorado. Ele ia mandar uma proposta, eu falei que ia mandar uma também, vamos ver. E nessa, fui escolhida, ele não, e foi assim que a minha vida de artista profissional começou.

Com essa, comecei a trabalhar, trabalhar. Na época consegui um patrocínio muito grande. Fiquei, basicamente durante dois anos, com um *fellowship*, fazendo o que queria. Nesses dois anos comecei a fazer exposições, mas, quando chegou 1992, eu estava em uma outra encruzilhada. Eu estava no Rio de Janeiro, já tinha um certo reconhecimento, mas era muito jovem. Nessa época, no Brasil, nós não tínhamos o movimento que temos hoje. Então, a minha perspectiva, era que, se eu ficasse aqui, o que eu iria fazer? Iria fazer uma exposição individual a cada dois anos e continuar... Eu achava que era muito jovem para já estar quase aposentada. E nessa ansiedade de ver mais coisas, comecei a pensar em sair do Brasil. Mas como sair do Brasil? Tinha que arrumar um jeito de pagar. Então descobri que havia bolsas do governo brasileiro que pagavam salários que te permitiam estar fora. Eu me lembro que era muito engraçado, porque, no Rio de Janeiro, o Ernesto Neto e eu, nós sempre nos encontrávamos no Correio, os dois, enquanto todos os nossos amigos estavam enchendo a cara, enlouquecendo... Eu me encontrava com o Ernesto, eu mandando portfólio em *slide* e ele também. E aí, sei lá, consegui, foi uma loucura, porque eu fui aceita em vários lugares, ganhei um *scholarship* do Art Institute of Chicago sem pedir, eles queriam que eu fosse. As pessoas achavam que eu era louca, mas eu não queria, porque Chicago era muito frio, se eu tivesse que ir para algum lugar frio iria logo para Nova York. E, aí, fui para Nova York porque era o jeito de continuar jovem, de crescer. Eu tinha desejo de fazer mais coisas, de viajar, mesmo de *look for*, entendeu... Até hoje, acho que uma das trajetórias mais bonitas é a da Louise Bourgeois, que ficou muito famosa aos 70 anos. Eu quero ter coisas para fazer, eu ainda me sinto uma artista jovem, quero fazer exposições ou trabalhos. Agora, nós vivemos num mundo tão privilegiado, que eu vivo aqui, eu vivo lá, eu tenho uma situação que é das mais privilegiadas possíveis.

Hans-Michael Herzog Que tipo de pessoas você encontrou em Nova York?

Valeska Soares Como fui fazer Mestrado e Doutorado, tinha uma vida normal, nunca vivi em gueto, tipo só de brasileiros. Tinha uma vida universitária, uma vida profissional, tenho amigos de todos tipos...

Hans-Michael Herzog A sua obra se desenvolveu de uma maneira muito autônoma, não teve influência direta de alguém...

Valeska Soares Quando eu me mudei para os EUA, em 1992, os primeiros anos foram muito sofridos, porque fui para

lá no auge do "politicamente correto" das academias, que eram Cal Arts e Whitney Program. Na época era muito fácil, se eu quisesse, me inserir dentro do discurso de que essas instituições estavam a fim, e se eu tivesse escrito uma carta para o Whitney Program dizendo que era brasileira, oprimida, todos os homens do meu país me faziam isso, me faziam aquilo... Se eu tivesse querido contextualizar o meu trabalho dessa maneira, eu teria tido mais visibilidade do que tive no momento. Mas, para mim, sempre foi muito mais interessante preservar a minha perspectiva, eu nunca quis me vitimar ou me inserir no contexto de algum discurso limitador e contraditório, porque todo esse discurso de etnias, identidade... a única coisa que eles fazem é te definir e te colocar numa gaveta mais especial ainda. Então, tá, eu sou brasileira, latino-americana, só caibo nessa gaveta. Eu resisti a tudo isso, deixei de fazer muita exposição, de estar em muitos contextos, porque sempre me recusei a me inserir nesses discursos. E acho bem legal também ver que o trabalho continua jovem, que tem muita gente jovem que está fazendo coisas semelhantes e que se interessa pelo tipo de coisas que eu estou fazendo. Eu tive que seguir o meu caminho, do jeito que foi. E também não me encaixo nisso que as pessoas dizem, da fotogenia da arte, do que elas esperam que a arte brasileira seja. **Hans-Michael Herzog** Qual é a diferença, se é que ela existe? **Valeska Soares** Eu acho que, hoje em dia, nem tem tanto mais, mas tem sempre. Em muita entrevista que eu faço, tem sempre aquela pergunta: "Mas, como é que você diz que o seu trabalho é brasileiro?" Eu falo: "Bom, o que é ser brasileiro? Existe um brasileiro só? O Brasil é um só?" Teve um cubano que chegou para mim: "Você não parece brasileira, você é muito intelectual. Eu sou cubano, me visto como cubano, canto como cubano, não sei o quê como cubano...". "Querido, mas o Brasil, são milhares de Brasil. Tem o Brasil alemão, o Brasil caboclo, o Brasil judeu, o Brasil pobre, o Brasil capitalista, por que eu não vou fazer uma brasileira intelectual e ruiva?" Sabe, eu não tenho que viver essa expectativa de mim, nem o meu trabalho. E depois, por que não é brasileiro? Então, o Cildo Meireles não é brasileiro? O Waltercio Caldas não é brasileiro? Entendeu? O que temos que fazer?

Eu sou brasileira, nunca vou deixar de ser brasileira, nada disso. Mas acho muito restringente quando as pessoas acham que nós só conseguimos ter importância, relevância, dentro de um contexto nacional. As pessoas aqui estão sempre falando como se a arte brasileira estivesse ainda em processo de acontecer, como se ela ainda não tivesse acontecido, o que acho um erro. Há quarenta artistas brasileiros numa galeria como a Fortes Vilaça, é tipo o White Cube, Paula Cooper. Quarenta artistas, que fazem quarenta exposições por ano, nos maiores museus. Outra pergunta é: "Mas porque você acha que o Brasil ainda é visto como exótico?" Eu acho que não é uma verdade também, o Brasil é completamente internacional, inclusive agora o está ficando tanto que metade do mundo vive no Rio de Janeiro, em tempo parcial, como Calvin Klein, Naomi Campbell, não sei quem, entendeu? É uma visão um pouco defasada, as pessoas parecem ainda estar na década de 70. É o clichê, pensando o país do futuro, mas o futuro nunca chega para essas pessoas. O futuro está aqui. O Brasil é, não vai ser, é, nós somos.

Título Hans-Michael Herzog em conversa com Valeska Soares
 Data 2006
 Publicação SOARES, Valeska; MEIRELES, Cildo; NETO, Ernesto. *Seduções*.
 Zürich: Hatje Cantz, 2006.

Autor Hans-Michael Herzog
 Artista Valeska Soares

Hans-Michael Herzog Não é um modelo, não é uma projeção, é uma realidade.

Valeska Soares O modelo sou eu, eu sou uma pessoa internacional, dinâmica, inteligente e sou brasileira, qual é o problema? Eu não acho que ser brasileira seja *handicap*, mas as pessoas vêem ser brasileiro como um *handicap*, como um defeito...

Acho que na Bienal de Veneza não havia artista americano que tivesse tanto dinheiro para fazer o seu pavilhão. Assistente, galeria, engenheiro, arquiteto, colecionador, *fundraising*, foi tudo independente. Todos os colecionadores brasileiros e americanos deram dinheiro para construirmos o que estávamos construindo, nós tínhamos o estado independente dentro do Arsenale.

Nós estamos em pé de igualdade com todo mundo, às vezes acho até que numa situação privilegiada... E é engraçado que nós tenhamos um cenário artístico um pouco ímpar na América Latina, não sei se pela cultura portuguesa.

Hans-Michael Herzog Uma última pergunta, muito geral e pessoal também. Qual é a sua idéia sobre a beleza? Quando uma coisa para você tem beleza? Você tem desejo de fazer trabalhos belos?

Valeska Soares Uma das grandes críticas que as pessoas faziam ao meu trabalho era que o meu trabalho era muito bonito.

Hans-Michael Herzog Bonito?

Valeska Soares Isso. E era uma coisa negativa, porque tinha uma certa obscenidade numa coisa bonita. Na verdade, eu nunca faço as coisas com a idéia de que sejam bonitas, elas são o que têm que ser. Eu também não acho que ser bonito seja um *handicap*, não é, bonito pode ser emocionante. Beleza não é uma coisa obscena, não é necessariamente o ponto de partida do trabalho, mas se o resultado, de alguma maneira, for percebido como bonito, para mim não tem muito problema. Quer dizer, eu já senti culpa com a questão da beleza, hoje em dia, acho que é até uma coisa transgressora, porque o feio, o grotesco, também virou fórmula.

Hans-Michael Herzog Eu acho que esse conceito de beleza como uma coisa ruim vem do mundo protestante europeu.

Valeska Soares Beleza, prazer, todas essas coisas vêm associadas à decadência... Eu acho a decadência maravilhosa, mas ela vem atrelada a um conceito pejorativo, é uma coisa culposa, porque é sempre associada ao prazer.

Hans-Michael Herzog Ao vício.

Valeska Soares ...à intoxicação, ao ócio, porque segundo o valor protestante, o trabalho tem que ter algum resultado prático. Ou tem que servir para alguma coisa, o sistema de troca tem que ser ótimo, uma coisa tem que valer 'x' porque tem a função 'y'. E tudo o que fazemos é completamente abstrato, até a beleza: uma coisa pode ser linda para mim e ser feia para o outro.

Hoje em dia, o que você tem? As pessoas pegam coisas, que são iconográficas, de uma época, vamos supor, do movimento *hippie* ou do movimento *punk*. Elas usam essa iconografia, que, teoricamente, saía dos moldes convencionais de beleza, mas que é, hoje em dia, usada de novo, porque já não tem, conceitual ou filosoficamente, relação com os movimentos originais, é só uma referência iconográfica superficial que foi colada. Uma das coisas mais interessantes que eu vi em Veneza foi que tem muito rastafári na Itália, mas eles não fumam maconha, é só uma estética que não tem

nada a ver com a filosofia jamaicana de vida. Aí, você vê, é invenção, e o rastafári era feio, certo? Hoje em dia, é um *fashion statement*, *the dreadlocks*. Então, nós vivemos num mundo em que a beleza é essa coisa abastardada.